This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Bonaventura, Saint, card, - Philomena - 1907.

C
620
64

Harvard College Library

FROM

Universidade de Coimbra
Biblioteca Geral

MENDES DOS REMEDIOS

PHILOMENA

DE

S. BOAVENTURA

Reimpressa em harmonia com a edição de 1561

[Propriedade e edição da Bibliotheca da Universidade de Coimbra]

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1907

PHILOMENA

DE

S. BOAVENTURA

R. 1002

Mendes dos Remedios

PHILOMENA

DE

S. BOAVENTURA

Reimpressa em harmonia com a edição de 1561

[Propriedade e edição da Bibliotheca da Universidade de Coimbra]

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1907

C 62.0.64

HARVARD COLLEGE
MAY 28 1924

Universidade de Coimbra
Biblioteca Geral

Separatas do *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra:*

I — **Uma Biblia Hebraica**, 1903, 1 folh. (16 pag. com grav.), 210×126.
II — **Moedas Romanas** (Ensaio de catalogo), 1905, 1 folh. (74 pag.), 175×99.
III — **As «Horas de Nossa Senhora»**, 1906, 1 folh. (22 pag.), 175×99.
IV — **Philomena de S. Boaventura**, 1907, 1 folh., 175×99.

INTRODUCÇÃO

Entre as mais ricas acquisições bibliographicas em melhores tempos feitas para a Bibliotheca da Universidade de Coimbra deve contar-se, sem duvida alguma, a da livraria do illustre bibliographo José Pedro Hasse de Belem (1805), comprada por seis contos de réis quando era Vice-Reitor o Dr. Manuel Paes de Aragão Trigoso, e bibliothecario o Dr. Joaquim dos Reis.

Monsenhor Hasse, como abreviadamente se costuma designar, era, de facto, grande amador de livros, e além do testemunho de Ferreira Gordo, que foi o encarregado da compra dos livros para a Bibliotheca da Universidade, que declara nas suas memorias inéditas, que talvez não houvesse occasião de encontrar reunida uma collecção tão copiosa e selecta de livros portuguêses e castelhanos como ella continha (1), ahi temos o proprio catalogo da sua livraria a attestá-lo.

Infelizmente o valioso documento não existe completo e está longe pela sua demasiada concisão de escla-

---

(1) Segundo Innocencio no *Dicc.*, V, pag. 90.

recer qualquer duvida que se suscite no decurso dum problema bibliographico. Assim mesmo, truncado como está, o seu conhecimento data apenas de um anno a esta parte, devendo-se o seu encontro, ou antes o seu achado, a uma feliz casualidade.

Na *Memoria da Bibliotheca* de Barreto Feio, diz-se que «o antigo catalogo geral... desappareceu ha muito da Bibliotheca; e quando foi remettido de Lisboa, com os respectivos livros, era sabido que já tinham sido roubados alguns dos manuscriptos mais apreciaveis e primorosos» (1).

De facto, o que era conhecido e andava guardado, era sómente o *Catalogo dos livros portugueses* escripto em setembro de 1811 por Francisco d'Almeida e Silva, continuo da Bibliotheca, provido posteriormente no logar de official subalterno (2).

Um dia numa exploração entre velhos papeis manuscriptos, havia annos arrumados a um canto, depararam-se-me dois cadernos descosidos, um delles sem capas, outro deteriorado em parte pela humidade.

Encontrados em epoca e logar differentes, sem a mais leve indicação nem referencia, poderia ter pensado em alguma velha cópia de catalogo, inutil, se a uniformidade da letra e a indicação numerica ao lado de cada volume me não levantassem no espirito a suspeita de que os maltratados cadernos podiam bem referir-se a

(1) Pag. 71.
(2) Ibid.

alguma livraria que tivesse sido incorporada na Bibliotheca.

Cuidadosamente, mas desconfiadamente tambem, como quem abandona alguma cousa que não desejariamos perder de vista, os enygmaticos cadernos ficaram, de lado, esperando... não esperaram muito tempo.

A minha boa fortuna, que, ao lado de muita arrelia, me tem dado mais dum grande prazer na vida de director da Bibliotheca, trouxe-me ao encontro o quê? Um novo caderno onde eu, avido de qualquer informação, por minima que fosse, agora já sobresaltado pela semelhança da calligraphia, descubri bem nitido na primeira pagina e lançado pela mesmissima letra do seu proprietario, isto — CATALOGO DA LIVRARIA DE MONSENHOR HASSE —. Veiu depois a decepção. Approximando os cadernos vi que:

a) O 1.º está numerado desde 1 «*Estatutos da Ordem de Sant'Iago, impressos em Setubal em 1509,* 1 vol. gothico», até 1668. — «*Almanach para o anno de 1782, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96,* 13 vols.».

b) O 2.º principia com o numero immediato ao anterior, 1669 — «*Faria de Sousa (Manuel de), Europa,* 3 vols.», até 3237. — «*Theatre des Etats de S. A. R. le Duc de Savoye,* 2 vols.».

c) O 3.º abre com o numero 5141 — «*Theodoricus (Herbertus), Originae ecclesiasticae,* 1 vol.», até 7837. — «*Nobles (P. Franciscus), Copia accentuum omnium fere dictionum difficilium tam linguae latinae quam etiam Hebraicae, 1533,* 1 vol. gothico».

Quer dizer: falta um caderno intercalar que abranja os numeros comprehendidos entre 3237 e 5141. Mas a perca, a todos os respeitos lamentavel, não pára aqui.

Com effeito, o *Catalogo dos livros portugueses,* obra do continuo da Bibliotheca, a que atrás alludi, chega a registar um livro com o numero 8115, o que claramente indica que devia existir, pelo menos, mais um caderno, elevando-se a relacionação até 10:000, numero que Innocencio diz ser effectivamente aquelle de que constava a Bibliotheca de Hasse (1).

E o catalogo dos manuscriptos? Foi o abandono, o desleixo e a incuria que causaram a sua perda? Foi um proposito criminoso que o fez desapparecer, o mesmo que truncou tambem o dos livros impressos?

«O antigo catalogo geral... desappareceu ha muito da Bibliotheca; e quando foi remettido de Lisboa, com os respectivos livros, era sabido que já tinham sido roubados alguns dos manuscriptos mais apreciaveis e primorosos». Isto di-lo a *Memoria historica da Bibliotheca* (2).

Vá lá verificar-se agora! Os livros soffreram a mesma sorte que os da livraria de João Pedro Ribeiro, que foi incorporada em 1839 na Bibliotheca, por doação do seu generoso doador. Espalharam-se por todos os logares de estantes e tabellas onde o formato convidava a collocá-los.

---

(1) *Dicc. Bibl.,* V, pag. 90.
(2) *Obr. cit.,* pag. 71.

Muito differentemente se procedeu com a livraria que o cirurgião Antonio Augusto da Silva Ferreira legou em 1892 á Bibliotheca. Dessa fez-se inventario e catalogo proprio e dedicou-se-lhe um gabinete especial, onde todos os livros se conservam reunidos.

*

Vieram estas divagações a proposito do trabalho que agora publicamos. A *Philomena de S. Boaventura* deveria estar hoje na Bibliotheca da Universidade, pois que figura no catalogo de Hasse sob o n.º 1337.

Onde pára esta raridade bibliographica, que seria por ventura representada pelo *unico* exemplar ahi mencionado? Em 1859 ainda existia na Bibliotheca, segundo se vê da informação exarada no *Dicc. Bibliogr.*, vol. IX, pag. 250.

Ainda depois desse tempo o livrinho existiu na Bibliotheca e foi até desse exemplar que se tirou a cópia manuscripta, de escrupulosa fidelidade, por onde agora é feita esta nossa reimpressão (1).

*

Mas o que é a *Philomena de S. Boaventura?* Corra o leitor a vista sobre os versos que a constituem e logo

---

(1) Aqui tributamos agradecimentos sinceros ao nosso bom amigo, o distincto bibliophilo Sr. Annibal Fernandes Thomás, auctor da referida cópia.

verá a natureza e caracteristicas della — um mysticismo profundo, uma aspiração da alma para Deus, procurando interessar simultaneamente o coração e a intelligencia.

Abrindo a edição das obras do grande Doutor seraphico, aquelle que Gerson, o celebre oraculo do seculo XV, o illustre chanceller da Universidade de Paris, considerava como o «Doutor mais perfeito», ahi encontraremos, entre os seus opusculos, um com o titulo *Philomena* (1).

Foi este opusculo que, a darmos credito ao Conde de Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes (2), o nosso epico e chronista Francisco de Andrade traduziu com o titulo de *Philomena,* que adeante se verá completo.

Do grande Doutor parece-nos que, em verso, mais nenhuma cousa temos traduzida.

Em prosa temos, pelo menos: *Algvns Tratados* = | *do Seraphico Doctor Sam Boauentura, em que se cõtem hũa doctrina mui* | *proueitosa, & necessaria a toda pessoa, principalmen* | *te religiosa: q̃ quiser desarreigar de si os vicios,* | *& plantar as virtudes, & crescer nellas,* | *& dar se aa oração.* | *E alem destes outro tratado, pera os te* | *mentes de Deos se saberem bem confessar.* | *& com*

(1) Veja-se, por exemplo, a edição de Moguncia, 1609, tom. VJ, pag. 424.

(2) Cfr. Innoc., *Dicc. Bibl.*, II, pag. 334.

pureza de consciencia. | O que tudo trata o Sancto mui ao viuo: & como quẽ fala ao coração, & da propria experiencia. Traduzidos do latim em nossa linguagem por hum reli | gioso capucho da ordem dos frades Menores da pro | uincia de nossa Senhora d'Arrabida. | E ao fim se põem hũas orações mui deuotas pera an | tes, & despois da Sagrada Communhão. | Em Lisboa | Impresso com licença da Santa Inquisição, e Ordinario. Por Antonio Aluarez Impressor | . Anno MCCCCCCII.

Pela licença do Santo Officio, assignada por Fr. Manuel Coelho, se vê que o traductor é o Padre Frei João da Madre de Deos, de que nos falla a *Biblioth. Lusit.*, II, pag. 683.

Um outro volume do mesmo illustre Doutor é a *Mystica Theologia... do verdadeiro caminho do ceo, com algumas declaraçoens, feitas pelo Padre Mestre Fr. Jeronymo Gracian da Madre de Deos... traduzido pelo Licenciado Antonio Esteves... Lisboa, MDCCXXXI.*

A *Philomena* é, pois, no seu genero o unico documento que possuimos, traduzido, de S. Boaventura. Pertence ao grupo de composições mysticas que tiveram grande acceitação em Portugal, junto de certos escriptores que, se não davam em brigões e valentaços, com larga folha de serviços em Africa, propendiam para os arrôbos do lyrismo tresandando aos perfumes do incenso. Nós os portuguêses sempre fômos assim aventureiros, ainda mesmo quando o campo de acção eram os poucos palmos dum convento.

E porque no poemeto do Doutor seraphico o titulo de *Philomena?* É porque, explica-se nas palavras que o antecedem, «multa sunt hujus avis propria, quae Sanctus Bonaventura mirifice transfert ad devotam animam, quae sanctissimis meditationibus veluti dulcissimis Philomenae cantibus resonans, Salvatoris nostri Jesu Christi vitam, et ab eo in nos singularia beneficia collata, jugiter contemplatur» (1).

Com que elegancia e perfeição, com que formosa eloquencia, este thema é desenvolvido, mal o podem deixar adivinhar os versos do traductor português. É que traduzir é sempre difficil, traduzir bem, e sobretudo o verso, só aos grandes mestres é dado.

Raras vezes entre nós se soube traduzir, com perfeição, o latim. Lá o diz o grande Mestre, invulneravel auctoridade no caso, Castilho, explicando as torturas que, ao ser traduzido, soffreu o Mantuano:

«Franco Barreto e Leonel da Costa deslavaram-no, escreve elle; Lima Leitão e Odorico Mendes caldearam-no de aço, escureceram-no, entenebraram-no. O pobre poeta, topando naquelles dois calhaos do Parnaso, deu-lhe o tetano, e morreu. Candido Lusitano cozeu-o sem sal, e deliu-o. Barreto Feio, se para si o entendia, não no-lo deu a entender a nós; perdeu-lhe aquella nativa fluencia, que era o seu maior encanto. É porque nenhum destes era poeta. Como podiam

(1) *Obr. e log. cit.*

pois representar-nos um tão formoso gigante da poesia...?» (1).

É certo. Não traduz quem quer, só traduz quem póde.

S. Boaventura numa linguagem fluente e maviosa revelou-se, como delle escreveu um grande admirador,

Divino sol na terra e luz da igreja
Em seraphico amor alma acendida,
Cujo raio de sciencia e sancta vida
É claro espelho a quem amar deseja (2)
. . . . . .

E conquanto não seja pela traducção que possamos aquilatar taes predicados, merece a pena de conhecer-se o poemeto que agora se salva dum total esquecimento, sem duvida irreparavel, se a boa sorte que nos não deparou ainda, até hoje, o pequeno volume quinhentista, nem por ventura, jámais deparará, não conduzisse até nós a mão amiga, que exarou a cópia fiel que aqui fica reproduzida.

Cante, pois, a Philomena, visto que, como escreveu

---

(1) Da celebre *Critica litteraria,* carta ao editor do *Poema da Mocidade* de P. Chagas, pag. 199.

(2) Do «Soneto de Frey Antonio da Cruz, em louvor de Sam Boaventura, & da tradução da obra», que precede *Alguns Tratados...,* já cit.

Madre Maria do Ceo, Religiosa, e duas vezes Abadessa do seu observantissimo Mosteiro da Esperança da cidade de Lisboa Occidental, da Ordem Seraphica da Provincia de Portugal, — *chegou hum dia em que falláraõ os brutos como os homens, de alguns, em que houve homens, que falláraõ como brutos: houve huma hora, em que as aves mostráraõ mais liberdade nos bicos, do que nas azas, com este cortaõ o ar, com estes ensinaõ agora aos racionaes...* (1).

(1) *Aves illustradas em avisos para as Religiosas servirem os officios dos seus Mosteiros. Sua verdadeira Autora A. M. R. M. Maria do Ceo..., dado ao prelo pela diligencia de Joseph Francisco de Baluceato, natural da antiga Escocia, e catholico romano. Lisboa, M.DCCXXXIV.*

PHILOMENA

DE SAÕ BONAUENTURA TRESLADADA DE LATIM EM LINGUAGẼ EM TERCEYRA RIMA, EM QUE A ALMA DEUOTA BREUEMENTE MEDITA SUA CRIAÇAÕ, A ENCARNAÇAÕ, A PREGAÇAÕ & PAIXÃ DO FILHO DE DEOS.

LOGAR DE S.TA CICILIA TOCANDO ORGAÕ. GRAVURA EM MADEIRA.

Philomena que o tempo bom declaras
& o fim do inuerno denũcias,
os dias brandos & as noutes claras.

E com tuas doces armonias
aleuantas o coração derribado
a nouas esperanças, nouas alegrias.

Vem a este spirito cansado,
a quem miseria, desejo, & amor
puseraõ neste saudoso estado.

Mandarte-hei ao teu creador,
onde yr naõ posso: & disto assi ser
viue minha alma em continua dor.

Se minha gloria consiste em vos ver
doce esposo, estando desterrado
de vos: como terey alguma hora prazer?

Assi que Philomena vay ao meu amado
apresenta-lhe minha saudade,
meu desejo, meu amor, & meu cuydado.

E os meus gemidos taõ de verdade,
* arrancados de hum triste coraçaõ,
desejoso de sua eternidade.

Dizelhe porque escõde sua clara visaõ,
a quem por elle anda suspirando
o dia, a noute, o inuerno, o veraõ?

E quando virá aquella hora, quando
verey sua clarissima fermosura,
por cuja saudade eu tal ando?

E que parece cousa muyto dura,
deyxarme assi passar taõ triste vida:
onde estaa o seu amor sua brandura?

Philomena minha, esta tua yda
naõ pareça a ninguẽ ser escusada:
antes me parece cousa muy deuida.

Porque se lee desta aue amada,
que se sobe em hũa aruore alta,
tanto que sente sua morte ser chegada.

Em amanhecendo docemẽte canta:
& quando o sol começa aquecer,
entaõ a doce voz mais aleuanta.

* Chegando o meyo dia crece o prazer,
crece o cantar; desta aue bõa
começa o sangue em fio a correr.

E sendo chegada a hora de noa,
a saudosa vida he acabada,
& a sua doçe voz já naõ soa.

O philomena bemauenturada,
que morreste, cantando teus amores;
nelles toda posta e enleuada.

Esquecida de tuas proprias dores,
tanta foy a tua bõa ventura,
que acabaste em doces clamores.

Com muyta razaõ és propria figura
da alma deuota, & namorada
daquella clara e diuina fermosura.

Alma toda absorta & occupada,
naquelle taãm diuinissimo amor,
em amor consumida & abrasada.

A qual estimulada deste ardor,
se aleuanta muyto pela manhaã,
* a cantar louuores ao seu criador.

Dizẽdo: meu Deos & quanta razaõ
he louuaruos toda criatura,
& naõ vos louuar, quamanha ingratidaõ.

Quanto mais en tanto vossa feitura,
q̃ de vossas proprias maõs me formastes,
a vossa semelhança & figura.

Ó, & para quamanhos bienes me criastes,
se volos soubesse senhor agradecer:
pera quamanha gloria me guardastes.

Mas tudo isto deyto a perder,
troco o siso polla vaydade:
troco o nada pollo verdadeiro ser.

Vnica doçura vnica saudade,
da alma que vos ama entranhauelmente:
quanto sou, devo soo a vossa bondade.

Toda minha vida continuamente,
amor da minha alma, vos amarey,
& diante de vos esterey presente.

E nunca jamais eu acabarey,
por mais que diga, & por mais que faça,
de vos amar, & servir, quanto desejey.

Nisto a alma deuota assi passa
esta primeira & doce hora do dia
em amorosos affectos se trespassa.

Mas, quando vem a sua fantesia
que se cubrio de carne o criador
fica fora de si & de todo fria.

O minha gloria, meu unico amor,
criador de toda a natureza:
& pera mais uos amar: inda Redẽptor.

Quem en panos de tam dura pobreza
vos enuolveo diuina magestade,
quem assi abayxou a summa alteza?

Isto fez o fogo de vossa charidade,
que arde no uosso peito diuino,
vossa eterna & summa bondade.

O immenso, ó dulcissimo menino,
quem vos vio, foy bemauenturado,
& quem vos naõ vio, foy assas mofino.

* Triste de mi, porque me naõ foy dado
vervos na vossa meninice chorar,
& de vossa madre ser afagado?

Porque me nam foy dado yrvos acompanhar,
quando foste leuado a terra estranha:
porque na vossa uos queriam matar?

Considerando esta merce tamanha
pasma a alma de se ver remida,
com tãto cuidado vosso, tanta manha.

Da qui vem ser amada & escolhida
a pobreza sancta: & a gloria vãa
de todo desprezada e auorrecida.

A hora de terça nesta meditação
passa: & o meyo dia se vem achegando,
& de nouo amor se enche o coração.

Ah meu Deos & andastes pregando,
verdades puras em mundo mentiroso,
de hum cabo para outro peregrinando.

*

Nam comestes vosso paõ ocioso,
* suores das entranhas vos custou
todas ardidas em fogo amoroso.

Mas nada d'isto meu Deos abastou
ao fogo damor que em vos ardia,
& que emfim a dura morte vos leuou.

Nenhuã cousa em vos senhor hauia
que naõ fosse sanctidade & mansidaõ:
mas o Mundo ingrato naãm vos conhecia.

Assi passa a alma nesta contemplaçaõ,
ate o meyo dia ser achegado:
& ser toda posta na uossa paixaõ.

Aqui o spirito he abrasado
em amor vosso, pondose a cuydar
quãto vos custou liuraruos de pecado.

Quem vos hade agradecer & quem de pagar
o que tendes feito pollos peccadores?
vossa paixam (diz o Propheta) foy mar,

* Jamais se viraõ tamanhas dores,
nunqua se vio tamanho tormento,
porque nunqua se veraõ tais amores.

Nunqua se vio tanto soffrimento,
nunqua se vio tamanha dor,
& nesta dor tamanho contentamento.

Nunqua se vio sangue correr por suor:
nunqua se vio homẽ tã atormentado,
porque nunqua se vio tamanho amor.

Do pee aa cabeça vos vejo esfollado
cuberto daçoutes & de escarros,
& de duros espinhos coroado.

Nunqua se viraõ amores tam charos,
pois tantos trabalhos vos custaraõ,
noutes tam asperas, dias tã amargos.

Finalmente na cruz vos encrauaraõ,
com duros pregos & dura crueldade,
& assi encrauado vos aleuantaraõ.

Assi estaa a summa magestade,
assi paga Christo pollo peccador,
* o summo bẽ polla summa maldade.

E ainda nam estaa farto vosso amor,
ainda naõ amostrays vosso affeyto
tudo por mi vos parece pouco Senhor.

E quereys que vos abra esse peyto
pera a minha alma elle morar:
quem a hum tal Deos naõ sera sojeito?

O unico remedio & singular
porta do ceo segura acolheyta:
felice a alma que per vos entrar.

O quam contente & quam saptisfeita
entra vos dulcissimo amado,
onde acha a sua gloria perfeita.

Que comereis tã bemauenturado,
viuerẽ dois coraçoẽs em hũ mesmo amor
* que ambos viuem em hum mesmo lado.

Vos em uũ quereys estar meu redẽptor,
eu em vos per amor quero estar:
bem estaa a criatura no seu criador.

Quem logo se espanta de eu gritar
* vẽdo por morrer a mesma uida,
vendo morrer a Deos soo por me saluar?

Nunqua sera minha alma tã esq̃cida,
nunqua virá a tanta ingratidaõ,
que se esqueça desta triste despedida.

Sẽpre estaa presente ao meu coraçaõ,
aquelle tam memorauel brado,
remate da vossa cruel paixaõ.

Quando dissestes: tudo he acabado;
tudo perfeytamente se executou
quanto de mi estaua prophetizado.

Nenhuã cousa por fazer me ficou,
naõ ha profecia que naõ seja cõprida,
agora a vos Padre eterno me vou.

Que verdade taõ pura & sabida,
que tudo he acabado & consumido,
pois do senhor de tudo se acabou a vida.

Assi fica a alma sem sentido
trespassada desta entranhavel dor
& o spirito de todo he ydo.

* Ditosa alma a quem matou amor
spirito por certo bemauenturado,
que juntamẽte acabou com seu senhor.

A esta tal nam estaa o ceo fechado,
as portas eternaes lhe seraõ abertas,
& com os anjos he collocado.

As cousas escuras & encubertas
saõ todas claras ao entendimento,
as marauilhas de fee saõ descubertas.

Alli naõ ha nem pode haver tormento,
alli ha perfeita consolaçaõ,
alli ha perpetuo cõtentamento.

Alli vee a alma per clara visaõ
aquella deuinissima fermosura,
a quem sempre amou de todo o coração.

Alli tudo he amor tudo doçura:
alli o entendimento se quieta
na summa verdade & se assegura.

Alli a vontade de todo se contenta,
amando aquella diuina bondade,
* & neste amor sem fim se deleyta.

Alli goza perpetua eternidade,
alli vee & ama entranhavelmente,
alli participa de diuindade:
& todos estes beẽs tera eternalmente.

¶ Elegia da alma deuota a seu Esposo

O Bom Jesu: oo porque me naõ vejo
em vosso amor todo abrasado,
todo conuertido neste desejo.

De mi & deste mundo transportado,
estando sempre entre vos presente,
todo em vos senhor já transformado.

Como a neue desfaz ao sol ardente,
& a neuoa espalha o frio vento,
& a cera branda ao fogo se derrete.

Assi a minha alma em triste sentimẽto
se desfaz em viua charidade,
* chorando hũ taõ longo apartamento.

Quando vos verey minha saudade,
quando sera o dia que vos veja?
dia bemauenturado de verdade.

Quando verey já o dia que seja
desta misera carne desatado?
o quanto tarda o que se dezeja.

Ouuisme senhor & estais calado,
naõ respondeis a hũa dor tam pura?
o quem vos fez de mi tam descuidado?

Vejovos meu Deos em toda creatura:
mas naõ basta isto a quem dezeja ver
vossa clara & diuina fermosura.

Quando a manhã começa de romper,
& o sol depois com sua claridade
parece que daa ao mundo nouo ser.

Vejo que vossa eternidade
tendes: onde se naõ pode chegar:
vejo o resplendor de vossa diuindade.

Quando eu torno a considerar
* o ceo & as estrellas que vos fundastes,
& por seus nomes as sabeis chamar.

Contemplo a terra que vos pintastes
com flores de tanta diuersidade,
tudo para este homem que creastes.

Nestas cousas vejo vossa bondade,
o vosso diuino & summo poder,
a vossa infinita piedade.

E quando olho o contino correr,
que os rios fazem todos pera o mar,
& que delle tornem outra ves nacer.

E olho como nunqua deyxaõ passar
seus limites: mas sem voo de razam
vos obedecem sem jamais cãsar.

E olho a natural inclinação
das creaturas, & a diligencia,
que todos poem em sua conseruação.

Nisto vejo a vossa prouidencia,
com a qual gouernais todo o criado:
vejo a vossa diuina sciencia.

* Quando olho o mar aleuantado,
com o vento & as ondas embrauecidas,
& todo o ceo escuro & cerrado.

Quando as miseras náos saõ perdidas,
& os homẽs postos em mortal tristeza,
as forças & as vidas ya arendidas.

Nisto vejo a vossa justiça & a crueza
de vossa yra com quanta ygoaldade,
vos quereis ser seruido cõ quãta pureza.

Tambem vejo vossa humanidade,
naquelle sanctissimo sacramento
cheo de amor & de suauidade.

Mas com nada disto me contento,
benigno Jesu, nem posso nunca ter
sem vos Senhor total contentamento.

Acabe já doce esposo de vos ver
face a face, & como sou conhecido,
dessa propria maneira vos conhecer.

Como o ceruo quando vem ferido,
busca fontes d'agoa clara & fria,
* todo neste dezejo conuertido.

Assi a minha alma noute & dia,
busca soo a vos com amor feruente
seu bem, sua esperança, & alegria.

Com outra cousa naõ pode ser contente:
pera vos fizestes o meu coração:
sem vos inquieto he & descontente.

Se vos quereis ser o seu galardaõ,
como jamais o pode contentar
o mundo misero pobre e vaõ?

Ah meu Deos & quam dinas de amar
saõ as vossas eternas moradas:
desfalece a minha alma em as cõtẽplar.

Que aues ahy taõ desamparadas,
que a seus filhos naõ achem abrigo,
& por vos naõ sejaõ gouernadas?

Pois a minha alma em vos Deos viua
como naõ acharaa sua morada?
sendo vos quem amo & quem siruo?

O quanto sera bemauenturada,
quando ouuir aquella voz diuina,
vem esposa minha tanto amada.

Ja passou o inuerno & a nebrina,
as miserias todas já passaraõ:
vem, & verás de quanto fostes digna.

Veras o que os sanctos desejaraõ:
veras a doçura que tenho escondida,
aos que de verdade me amarão.

Veras esta terra toda florida,
onde nam ha dor, morte nem tristeza,
mas descanso & gloriosa vida.

Veras esta tam estranha belleza:
veras estes beẽs eternos, & veras
esta tua propria natureza.

Onde perfeitamẽte entenderas,
os misterios que no mundo creeste:
& entendendoos te deleytaraas.

O felice o dia em que naceste,
pois veras esta gloria dezejada,
& veras a mi que tanto amaste.

* O rainha do ceo, virgem sagrada
que ante o diuino acatamento
estais atonita e enleuada.

Antre esse nosso contentamento
poude as lagrimas deste peccador,
que neste valle fica em tormento,
em miseria & continua dor.

¶ Aspirações da alma deuota ao amor diuino

O Essencia diuina
pego de toda bondade
o immensa eternidade
que farey?

Quando em vos me verey
ja nam eu, mas todo vos
vos & eu, & ambos soos
nũa cosa?

Quando todo serey vosso
* & a vos que sois o todo
me darey em todo o modo
& lugar?

Quando me verey afogar,
neste pego taõ profundo:
onde nunqua sacha fundo,
nem o ha?

Quando minhalma seraa
em vos mesmo consumida,
Absoruida & conuertida
pera sempre?

Quando seraa permanente
em vos mesmo & vosso ser,
sem ter outro mais querer
que o vosso?

Quando teraa por dãnoso,
o descansar em as cousas,
que naõ foram vos ou vossas
de verdade?

Quando na stabilidade
* que sancta Luzia teue
pagaraa o que vos deue
por esposa?

Quando teraa por damnosa
a communicação de gente
por vos sempre de presente
comesar?

Quando por vos mais amar
buscaraa a soledade,
& com grande de saudade
choraraa?

Quando gemendo diraa
cuydados deixayme hora:
creaturas desdagora
vos despido.

O meu Deos, meu bem cõprido
abismo de todo bem,
quanto bem tem quem vos tem
mas o quanto?

Eu de mi mesmo me espanto
* naõ andar sempre pasmado,
& de vos dependurado
como Job.

E como a cerua soomente
sedeente & ferida
ya a vos fonte de vida
a fartar-me.

A banharme & lauarme
nagoa da Samaritana
pois que de contino mana
& sempre corre.

Quem consigo leuar fome
de vos paõ angelical,
fartar se ha sem se fartar
como conuen.

Quando, meu Deus & meu bem
esta agoa em vosso vinho
como o de Archeteclino
conuertereis?

Quando me abrasareis
* este ferro em vosso fogo
seja ja, & seja logo
se quereis.

¶ Desejos do amor diuino

Nam mereço Senhor dares me esperança
que inda em algũ tẽpo vos hey de ver:
mas tamanha gloria naõ a queria ter
em hũa duuidosa confiança.

De tamanha bem certa segurança
pera meu descanço hauia mister,
& que quando acabasse de morrer,
começasse minha bemauenturança.

Nã sou ingrato Deos meu nẽ mẽ esq̃eço
quanto me falta para merecernos:
mas por vos ver minha alma desfalece.

O quanto tenho Senhor em quereruos,
* o quanto tenho o quanto me falece,
tenho amaruos faleceme veruos.

Pois como deleytaraa o dia
a alma que soo de seu Deos se farta:
dilatarse esperança taõ alta
como naõ desfara sua alegria?

Recebi mais do que merecia,
mas pera o desejo muyto falta
assi de contino triste me mata
a saudade quando vos veria.

O visaõ diuina clara & pura
quando ja que sera o dia que seja
transportado em vossa fermosura?

O quando sera o dia que veja
minha alma em vos quieta & segura
do que tanto ama, tanto dezeja?

Naõ he isto pensamento vão,
nem soberba que pera mal me tenta,
mas he amor que com nada se contenta,
leuame o dezejo & naõ a razaõ.

* Nẽ cuyde ninguem que he ingratidam
ou ser alma dura & ysenta:
mas que farey a hum triste coração
que sem vos Senhor tudo o atormenta?

Minha desacustumada belleza,
minha luz eterna & tam fermosa,
meu Deos minha propria naturaleza.

Quando yra minha alma sequiosa
desta terra seca chea de tristeza
a vos fonte viua & gloriosa?

JESUS

Luz clara, sciencia marauilhosa
mostra vida minha immortal
a quem sem ti naõ viue.

E os spiritos humildes se alegrão
na tua paz que vence os sentidos
naõ ha fora de ti que desejar.

A terra triste é pobre & estreyta,
os ceos escuros saõ & baixos ficaõ
tudo se encerra em termo breue.

* Tu es bem summo sem termo & sem medida
suave doce brando & amoroso,
em ti descansa o entendimento.

A honrra verdadeira & contẽtamẽto,
descanso, riqueza, & alegria,
em ti soo se acha.

De verdade conselho e confiança
remedio soccorro & esperãça certa
es fonte viua.

De trabalhos, bayxezas & miserias
nos leuantas & sempre nos melhoras
a mayores beẽs dos que buscamos.

Sigate já meu bem por onde fores
como os filhos dos ceruos pollos montes
nunca pare nem acabe de correr.

Creça sempre a lembrança & saudade
creça sempre o fervor & a vontade,
ate que este meu desterro se ache.
* Amen.

¶ **Tresladação do Psalmo,** BENEDIC ANIMA MEA DOMINO, EM TERCEYRA RIMA. EM O QUAL A ALMA DEUOTA SE ALEUANTA EM ADMIRAÇAM DE SEU CRIADOR POR O CONHECIMENTO DAS CRIATURAS

TV o alma minha louua o Senhor,
o Deos meu como sois exalçado,
quam digno sois de hõrra & de louuor.

De paz & confissam estais cerquado,
vististe vos Senhor de fermosura,
de magestade estais acompanhado.

Luz clara he vossa vestidura
estais cheo de vossa diuindade,
tudo eterno & de infinita dura.

Estendeis o ceo á vossa vontade,
como hũa pelle assi o estendeis,
& assi communicais vossa bondade.

E sobre todos os ceos pusestes
as agoas que estam mostrando
ás muytas marauilhas que fizestes.

Sobis pollas nuuens atrauessando
de hũa parte a outra todo o criado
sobre as penas dos ventos passeando.

Fisestes os anjos com tanto cuydado
spiritos de clarissimo entendimento,
& os vossos seruos fogo inflammado.

Fundastes a terra sobre fundamento
eterno, & tal ordem & ley lhe pondes
que jamais mudaraa seu assento.

Pusestes as agoas sobre os montes,
mãdais que naõ cubraõ mais as terras,
& nos valles pusestes claras fontes.

Em vos esperam as bestas feras
na sua sede & naõ sam enganadas:
remedio achaõ nas altas serras.

As aues andaõ pollo ar confiadas
na vossa prouidencia que nunqua falta,
nem de vos Senhor saõ desemparadas.

* De vossas obras estaa a terra farta
produzindo feno pera proueyto
dos animaes: o bondade taõ alta.

Que ao justo e ao imperfeito
dais erua: dais vinho & paõ
a quem naõ tem cõta cõ vosso preceyto.

Vinho pera que se alegre o coraçaõ,
ainda que seja sem penitencia,
& o paõ pera sua confirmação.

E he taõ grande vossa clemẽcia,
que ate das aruores tendes cuydado,
& aos cedros chega vossa prouidencia.

Nelles tem as aues seu gasalhado
os ceruos nos montes sua habitação,
os ouriços no penedo furado.

Destes aa Luna sua reuolução:
sabe o Sol quando se ha dabayxar
ainda que naõ tẽ uso de rezam.

Saem os brauos lioens a saltear,
sae o husso & o lobo manhoso,
os lioensinhos pedem seu manjar.

Rompe o sol tam claro & fermoso
sae o homem a seu trabalho & lauor
torna a noute a seu repouso.

O quã magnificas meu Deos & Senhor
sam vossas obras & quam exalçadas,
de quanta grandeza de quanto primor.

Todas em sabedoria acabadas,
em summa ordem & summa perfeição,
criaturas em fim por vos criadas.

Chea he a terra vossa possessam
& todas nos incita a vos amar,
& aleuanta a vós o coração.

Que direy do grande & espaçoso mar
cheo de tantos pexes bõos & maos
cujo numero senam pode contar?

Por elle nauegam as gentes em naos,
gentes atreuidas & mal atentadas
que poẽ suas vidas sobre quatro paos.

Todalas cousas estam dependuradas
* da vossa prouidencia & benignidade
& por vos sam todas gouernadas.

Abrindo a maõ da liberalidade,
todas sam cheas de vida & de gosto:
& partecipam da vossa bõdade.

Mas apartando vosso diuino rostro,
sua gloria em poo he conuertida,
a alegria em choro & desgosto.

Manday a vosso espirito de vida,
renovay a terra beninamente
que sem vosso fauor estaa perdida.

Seja gloria ao Senhor eternamente,
nas sus obras se alegraraa o Senhor,
& do que faz sera sempre contente.

Olha a terra & enchea de temor
toqua os montes & falos tremer:
muy terrible cousa he o seu furor.

Cantarey ao Senhor emquanto viuer,
tam digno de louuor & tam amauel,
* dirlhe hey psalmos em quanto tiuer ser.

Minha falla lhe seja agradauel,
en deleytarme hey em seu amor
pera mi summamente deleytavel.

Ah se naõ houuesse nenhum peccador:
quem nos visse já todos desterrados:
tu ó alma minha louua ao Senhor
& nelle soo poẽ todos teus cuydados.

¶ FIM.

Foi impresso em casa de Joannes Blauio
de Colonia. Anno 1561.

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

C 620.64
Philomena :
Widener Library 002816994
3 2044 081 734 931